

INFORMATIVO

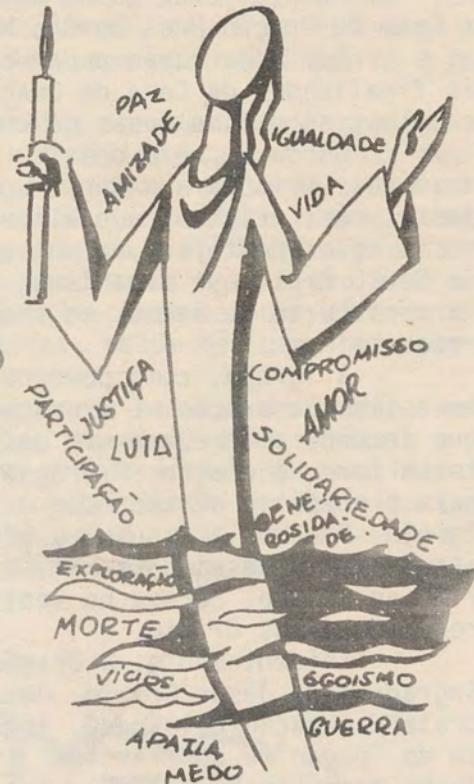
SECRETARIA DIOCESANA DE
CENTRO DIOCESANO DE
PASTORAL
Capitão Chaves, 60
26.000 - Nova Iguaçu, RJ.
BIBLIOTECA (021) 767-0472
Reg. N.º

CASA DE ORAÇÃO

**FREI
JORDÃO
MAI**

Ano 1 - Nº 11

Julho/ 1978.



Leia na página:

2. Casa de oração. Por que ? Para que ?
6. História da Classe Operária no Brasil (2)
10. Os 3 partidos da greve
13. A história do Zé Marmita
15. A censura quis silenciar a Igreja...



Casa de Oração
Por que ?
Para que ?

Dom Adriano

No dia 12 de junho Último foi inaugurada, no Alto da Posse, a Casa de Oração Frei Jordão Mai, a casa de oração da nossa diocese.

Com toda razão podemos perguntar: quais as razões e quais as finalidades da Casa de Oração ? Não bastam as nossas igrejas e capelas, as nossas casas de comunidade e os nossos lares cristãos ?

Nunca se reza demais. Sobretudo quando a gente pretende trabalhar mais para a construção de um mundo mais humano e mais justo, nós, cristãos que alimentamos (ou deveríamos alimentar) a nossa ação apostólica, a nossa pastoral, com o alimento da graça de Deus. Creio que estariam em condições de fazer muito mais pela construção do Reino, se soubéssemos rezar mais, se soubéssemos rezar melhor.

A Igreja, como povo de Deus e como povo sacerdotal, vive em estado de oração. É a oração de Jesus Cristo fundamentalmente que fecunda a Igreja e que desperta em corações sensíveis e abertos a fome de oração. A oração, como encontro de amor com o Pai para o encontro de amor com os irmãos, pertence à essência da Igreja. Podemos até ousar a afirmação: o nosso cristianismo, e por isso mesmo a nossa pastoral, estão em função direta do nosso espírito de oração. Só age no sentido de Cristo e do Evangelho quem reza com Jesus Cristo.

Evidentemente, a oração do cristão está na linha da Bíblia Sagrada e de Jesus Cristo. Jesus é nosso modelo de oração. Não se trata da oração palavrosa, interesseira, formalista, exibicionista do "pagão" e do "fariseu" (cf. as palavras claras e fortes de Jesus mesmo em Mt 6,5-15), isto é: da imperfeita e por vezes falsa oração dos que ainda não compreenderam o sentido da oração cristã. A oração cristã tem alguns aspectos básicos que bem nos podem orientar: a) o cumprimento sempre mais perfeito da vontade do Pai; b) a integração/participação sempre mais consciente na execução do plano de amor do Pai; c) o serviço sempre mais generoso dos irmãos; d) a consciência sempre mais clara de que, como filhos do Pai, como irmãos do primogênito dos irmãos - Jesus Cristo - , como colaboradores do Espírito Santo, devemos ser num mundo, marca-

do pelo maligno, sinal de esperança de um mundo melhor; e) e - como condição fundamental - a nossa crescente identificação com Jesus Cristo, no sentido de Paulo: "Eu vivo, mas já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim" (Gál 2,20). O mais nos será dado de acréscimo.

Há portanto na oração cristã uma dimensão comunitária que elimina ou atenua nosso egoísmo: nossa comunhão de fé, de esperança, de amor fraterno que se alimenta da comunhão da Ssma Trindade; nossa comunhão com aquele que é a única esperança de salvação, nosso único salvador e Libertador, Jesus Cristo; nossa comunhão com a Igreja universal e eterna; nossa comunhão, na linha do Evangelho (cf. Lc 4,16-27; Mt 23,1-12; 25,31-46), com os irmãos pobres e humildes, fracos e marginalizados.

A esta oração fecunda e dinâmica servem nossas igrejas e capelas, servem nossas comunidades e famílias, servem nossas reuniões e encontros de todos os tipos. Ai, deveriam servir. Mas podemos perguntar se de fato sabemos rezar, se de fato rezamos como cristãos. Talvez ainda não tenhamos chegado à verdadeira oração cristã. Depois há um outro aspecto: precisamos aqui e acolá de uma coisa diferente, para as coisas acontecerem melhor: diferente pelo horário, pelo lugar, pelas pessoas, pelos métodos, pela participação, pelo espírito, pelo ambiente.

Estas "diferenças" vamos encontrar na Casa de Oração, assim esperamos. Num ambiente acolhedor, tranquilo, no silêncio e no recolhimento (ai, ai !) poderemos encontrar-nos mais intimamente, mais pessoalmente com o Pai, por Jesus Cristo no Espírito Santo, para nos encontrarmos mais pessoalmente, mais profundamente conosco mesmos e com os irmãos sofredores. A Casa de Oração Frei Jordão Mai é um serviço.



NOTÍCIAS DA DIOCESE

* DIA DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

Passados dois dias de sua inauguração, ou seja a 14 de junho de 1978, a Casa de Oração Frei Jordão Mai, abriu as portas para um grupo de aproximadamente 300 pessoas. Vieram participar de um Dia de Oração pelas Vocações Sacerdotais e Religiosas. Na ausência do Pe. Waldir Oliveira, por motivo de saúde, ficou a cargo dos outros membros da equipe vocacional a organização deste dia. Para que todos pudessem assumir uma tarefa concreta, cada um da equipe assumia os trabalhos por período de duas horas. No primeiro horário, das 7.00 às 9.00 hs, chegaram aproximadamente 50 pessoas. Em alguns horários o número passou de 70 pessoas. Em cada período foram feitos orações, cantos e pedidos. Muitos pediram que o Dono da messe enviasse operários para a colheita. Dom Ermínio, capelão da Casa de Oração, ajudou bastante, atendendo as pessoas que queriam se confessar ou apenas conversar. Com uma missa celebrada às 19.00 hs por Dom Ermínio e os Pcs. Vitor e Ricardo, foi encerrado este dia muito proveitoso para todos os presentes.

* O Conselho Diocesano de Pastoral lançou um inquérito sobre comunidades e conselhos comunitários. Este inquérito tem como objetivos principais: melhorar a organização do Culto e desenvolver os ministérios leigos na diocese. Todas as paróquias já enviaram as suas respostas e no início de julho sairá o resultado final.

* Tendo como objetivos centrais um maior entrosamento, uma troca de experiências e uma avaliação dos trabalhos realizados, realizou-se no dia 17/6 no Cepac o 1º Encontro diocesano de Associações Religiosas que atuam na diocese. O encontro foi muito rico em experiências e os participantes já aguardam um próximo encontro.

* No dia 20/6 esteve reunido no Centro de Formação um grupo de trabalho para ajudar Dom Adriano a representar a Igreja do Brasil na Conferência de Puebla. A partir da realidade da nossa diocese, o grupo tentou expressar o que nós esperamos de Puebla. Por unanimidade foi decidido de fazer uma sondagem na base para sentir melhor as necessidades da Igreja concreta e viva: as comunidades eclesiais de base. O próximo encontro será no dia 7 de julho às 9.00 hs, no mesmo local.

* Atendendo à solicitação de nosso bispo, Dom Adriano, dos padres e das religiosas, Dom Angélico Sâalo, bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, dará uma conferência sobre Pastoral Popular. Será realizada no Centro de Formação no dia 11 de julho às 9.00 hs.

* Realizar-se-á no próximo dia 8 de julho no Centro de Formação, às 9.00 hs, um encontro com os responsáveis pelas várias escolas de formação cristã da diocese. Procura-se uma troca de experiências e um maior entrosamento entre as mesmas.

HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL (2)

Este é o segundo de uma série de artigos sobre a história da classe operária no Brasil.

organizações operárias entre 1888 e 1919

um rumo diferente das poucas organizações, criadas no tempo do Império. As organizações do Império tinham por objetivo a ajuda mútua na doença e em outras privações da vida operária. As novas organizações tinham além disso, por objetivo, a luta contra a exploração capitalista.

Os patrões consideravam o problema social como 'caso de polícia'. Não tinham disposição de ouvir os operários em suas decisões a respeito de salário, horas de trabalho, condições de salubridade, etc. Os operários procuraram, então, lutar juntos e exigir seus direitos. As organizações deixavam de ser apenas um refúgio e conforto para o proletariado sofredor, e passavam a ser representantes do proletariado para enfrentar a classe burguesa e o governo, exigindo mudanças. Se somente a burguesia continuasse decidindo tudo na situação dos trabalhadores, só poderia piorar, pois os capitalistas estariam sempre interessados em aumentar cada vez mais seu lucro por uma exploração cada vez maior do trabalho, e com os gastos menores possíveis. Percebiam assim que os interesses dos operários só poderiam ser satisfeitos em luta contra os interesses da burguesia.

dificuldades

Nem todos os operários estavam preparados para entrar na luta. Muitos acabavam de sair da escravidão, não chegavam ainda à condição operária. Habitados ao trabalho da lavoura, sob o controle do feitor, não compreendiam e não sabiam participar das organizações operárias. Sendo quase todos analfabetos, não se podia comunicar-lhes as novas idéias por jornais e livros, e a comunicação falada era difícil porque os líderes das organizações eram quase sempre operários estrangeiros, que mal falavam o português.

Entre os imigrantes, nem todos entravam para as orga-

e só cuidavam de promoção individual e de conseguir os favores do patrão.

Na época, algumas categorias de operários tiveram grande influência. A dos gráficos, que, por ofício, estavam bem mais informados das novas idéias, porque deviam imprimir os jornais e livros, foi a que melhor entendeu e participou no movimento operário. Também os marítimos e ferroviários, cuja profissão levava a viajar pelo país, levavam informações, estabeleciam contatos entre as diferentes organizações operárias, ajudando sua difusão e fortalecimento.

como eram as organizações

Eram muito diferentes de nossos sindicatos atuais:

1. O número de participantes era reduzido. Um operário da época disse: "O sindicato é um prolongamento do nosso lar". Todos se conheciam e viviam como numa confaria.

2. Não se falava de líderes nem dirigentes: todos eram militantes.

3. Os sindicatos eram mistos, isto é, formados por operários de várias profissões. Havia também sindicatos por nacionalidades em São Paulo: uniões de operários italianos ou alemães. Os sindicatos formados pelo ramo de indústria em que trabalhavam, por exemplo o dos empregados da indústria de tecidos, começaram a aparecer entre 1914 e 1918. Os artesãos, isto é, aqueles operários que trabalhavam por conta própria, se uniam aos operários.

4. Podia haver mais de uma organização de trabalhadores do mesmo ofício, e cada qual escolhia a que queria. Os sindicatos locais, por ofício ou por ramo de indústria podiam se reunir, formando federações sindicais de uma cidade ou de um estado. Se estas federações estaduais se uniam, tinhamos uma confederação nacional.

Jornalistas, intelectuais, gente de classe média criaram organizações culturais para operários ou em que os operários eram admitidos. Chamavam-se de 'centros culturais', 'centros socialistas', 'uniões socialistas'.

as atividades das organizações

A principal preocupação era a união e organização dos trabalhadores nas lutas e reivindicações diante dos patrões e do governo. Por isso promoviam estudos e discussões dos problemas da classe operária, a crítica da sociedade capitalista.

Organizavam manifestações sob forma de comícios e passeatas, comemorações do dia 1º de maio. Mantinham cursos de formação profissional, de alfabetização e de cultura em geral. Organizavam grupos de teatro para a formação do operariado, mantinham jornais operários e escolas para seus próprios filhos.

Os gráficos, os jornalistas e intelectuais socialistas muito contribuiram, nesta época, para a organização da classe operária.

Podemos resumir assim as reivindicações dos operários por volta dos anos 1910 - 1918:

1. a diminuição da jornada de trabalho para 8 horas, sem diminuição de salário
2. aumento salarial
3. descanso semanal de 36 horas seguidas, normalmente sábado à tarde e domingo, chamado 'semana inglesa'
4. contra a repressão policial ao movimento sindical
5. contra o aumento do custo de vida
6. pela regulamentação do trabalho da mulher e do menor

(segue no próximo número)



DEPARTAMENTO DE CATEQUESE

1. Curso de aprofundamento (nas 5as feiras de 14.00 às 17.00 hs no Cepac)

Curso estruturado em seis unidades. Cada unidade com um mês de duração.

Dois unidades já foram feitas: I. Problemas gerais da catequese (no mês de abril)

II. Sujeito da catequese na faixa etária de perseverança (maio)

No momento estão se realizando os encontros relativos à terceira unidade: III. Temas bíblicos e catequéticos do Antigo Testamento.

No segundo semestre o curso continuará com as seguintes unidades: IV. Temas do Novo Testamento e Catequese (agosto)

V. Catequese de Jesus Cristo (setembro)

VI. Igreja e Comunidade (outubro)

Nota: Os catequistas e evangelizadores interessados por uma ou várias unidades do segundo semestre procurem o Cepac ...

2. Curso de Perseverança

Curso destinado a aperfeiçoar catequistas que trabalham com catequese de perseverança. Este curso despertou grande interesse em várias comunidades. Realizou-se em dois locais: em Nova Iguaçu, no Cepac, às 5as feiras, e na paróquia de Lote XV, às 3as feiras, para um grupo de 15 catequistas.

Nota: Este curso poderá ser repetido onde houver interessados..

3. Pastoral de Batismo

Reunindo duas equipes, de Nova Mesquita e de Edson Passos, foram feitos três encontros. As equipes das duas comunidades estão testando um novo esquema de reuniões para pais e padrinhos. No dia 6 de agosto realizar-se-á, na capela de São José Operário de Nova Mesquita, mais um encontro para avaliar os resultados obtidos com os esquemas.

4. Publicações: As mais recentes publicações catequéticas podem ser encontradas na livraria interna do Cepac. O Departamento de catequese está à disposição para oferecer orientação.

OS 3 PARTIDOS DA GREVE

No fim de maio e início de junho, as greves do ABC Paulista chegaram a um entendimento entre empregados e patrões. Mas as greves não terminaram com isso. Elas se alastraram por outras regiões da grande São Paulo. Osasco, porta-bandeira das greves de 68, também pegou o vírus em meados de junho. O que nos interessa neste ambiente de final de copa, acima dos números de fábricas atingidas e de operários mobilizados, é quem são os jogadores e qual o papel do juiz nesta luta salarial.

empregados



Bernardo e Diadema, o "Lula", ficou surpreso com a união dos trabalhadores e confessou: "Aprendi que os trabalhadores estavam muito mais preparados do que eu pensava".

O operariado de São Paulo é considerado como 'privilegiado' pelo Ministro da Indústria e do Comércio, Angelo Calmon de Sá. É um fato que os operários de São Paulo são os mais bem pagos do país. E

Antes de tudo é necessário focalizar de que se trata do operariado de São Paulo. Houve uma grande união e adesão à greve nas fábricas atingidas, mesmo na Volkswagen que tem sua própria polícia interna (chamada de 'Gestapo' pelos operários) para reprimir qualquer movimento grevista. Hoje em dia, 50 % dos metalúrgicos da grande São Paulo são sindicalizados. Até o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São

justamente isso explica porque são eles que deflagram uma greve. São operários mais qualificados, difíceis de serem substituídos. Por isso são bem pagos. E por serem bem pagos, eles têm condições de aguentar financeiramente uma greve. Quem ganha salário mínimo não tem condições de fazer greve. Exemplo: Benedito Lemos da Silva, 41 anos, trabalhando na manutenção da Volkswagen, acha que com o aumento obtido poderá rationar um pouco menos a carne em sua casa. Com salário líquido de Cr\$ 8.000,00 mensais, ele diz que 1 quilo do produto tinha que durar por dois dias para dar um bife por pessoa, pois tem mulher e três filhos. Quantos operários brasileiros ganham este salário? Mesmo dentro das próprias fábricas, são os operários mais bem pagos e mais qualificados que têm mais condições de iniciar uma greve. Nas indústrias automobilísticas, a greve geralmente foi iniciada pelos ferramenteiros. Um deles explica porque este setor encabeça o movimento: "Tudo na fábrica depende da ferramentaria, porque sem ferramentas nenhuma outra seção pode trabalhar, não há produção, não se fabrica peças. Os ferramenteiros têm mais qualificação, e por isso não têm muito medo de perder o emprego, pois arrumam logo outro. Quem trabalha em outros setores tem mais dificuldade em aderir, tem mais medo, e, se perde o emprego, custa para arrumar outro".

Fato importante do lado dos operários, foi que logo no início da greve, os colegas suecos da Scania, se declararam solidários com os companheiros brasileiros, avisando a fábrica que eles não assumiriam a produção brasileira. No caso da matriz sueca exigir que eles produzissem para suprir a falta no mercado brasileira, eles também entrariam em greve. Contra a manipulação das multinacionais, os operários responderam à altura, com um movimento internacional.

patrões

Não podemos considerar os patrões como um verdadeiro time. Eles deixaram de jogar durante 14 anos, porque o juiz do jogo salarial - o governo - sempre decidia a partida antes do time dos patrões entrar em campo. A política salarial foi rígida



mente controlada a partir de 1964. E quando os operários saíam para o ataque, o juiz logo apitava impedimento. Além das consequências da tutela do juiz, os patronos nunca treinaram como time. O espírito de livre concorrência sempre provocou entre eles uma luta para ocupar os lugares de destaque. Claro, existem os sindicatos patronais, mas as suas atividades, até as greves, se resumiam em jantares gastronômicos regados a vinhos importados.

Já que o juiz parecia ter engolido o apito e se manifestava através de gestos ambivalentes, os empresários pularam e procuraram o apoio mútuo para organizar o contra-ataque. As empresas menores logo concordaram em ceder um aumento aos operários, para garantir seus lucros futuros. As maiores, com investimentos mais diversificados, queriam resistir e alegaram que era impossível aumentar agora porque sofreram prejuízos nos anos anteriores. Lula respondeu: "As vezes pode constar prejuízo no balanço da empresa, mas ela investiu muito naquele ano. E se investiu é porque ganhou no ano anterior. Então ela deveria ter investido um pouco no homem, no salário". A Ford investiu bilhões de cruzeiros para lançar o Corcel II. A Volkswagen comprou o controle acionário da Chrysler (confirmado pela imprensa - desmentido pelas duas fábricas - confirmado afinal pelo Ministro de Planejamento, Reis Veloso) e está apostando num caminhão leve (a ser lançado) que deve conquistar o mercado brasileiro.

Argumentando contra a greve, as empresas alegaram que um aumento salarial resultaria também em igual aumento do produto final. Isto não é verdade. Ora, em 1977, a soma de todos os salários pagos pela Volks, acrescidos dos encargos sociais, representava 16,2 % de suas despesas globais. Assim, o aumento de 11 % até outubro de 1978 (os outros 13,5 % são antecipações), conseguido pelas greves, provocará uma elevação de apenas 1,78 % nestas despesas globais (ou menos ainda, se computados somente os aumentos para o pessoal ligado diretamente à produção). Esta elevação de 1,78 % poderia ser compensada facilmente se a empresa não tivesse tanta sede e fome de lucros, até chegar ao ponto de engolir as outras empresas do ramo.

governo

O juiz assistiu ao jogo da tribuna de honra. Não quis intervir diretamente no jogo. Ficou observando. Prometeu tirar o cartão vermelho somente, depois de conhecer o resultado final do jogo, se os empresários tentassem repassar o aumento para o preço final do

produto. Apesar de a greve ser ilegal (veja o "Direito de greve segundo a lei" no Informativo Nº 10, pág. 13) o governo não interferiu contra os operários, conferindo assim um aspecto de 'legitimidade' à greve. Do outro lado o governo declarou que a lei de greve não se tornou letra morta. Ela é válida ainda. Só que uma comissão mista dos ministérios do Trabalho, da Fazenda e do Planejamento já começou os estudos de aperfeiçoamento. Acontece que nestes ministérios não faltariam técnicos cépticos em admitir eventuais reformas na lei de greve ou no sistema vigente de reajustes salariais para breve. Mas como a opinião pública está conseguindo modificar a política em geral, o melhor jeito para os operários alcançarem seus objetivos será a luta pelos mesmos.

A HISTÓRIA DO

ZÉ MARMITA.

Capítulo 5.

No capítulo 4, quem botou a boca no mundo foi o Zé Marmita, depois de conseguir segurar o Pedro Marreta que por ele, tava falando até hoje.

A reunião dos jovens estava boa e todo mundo escutava atentamente o Zé Marmita. Na reunião, como vimos, falou-se da desunião, do trabalho, dos sofrimentos do trabalhador e sua família, enfim, a reunião estava indo muito bem. Mas tinha uma pessoa que estava ficando inquieta. Era a Rita, namorada do Olavo. Não sei se vocês lembram, mas o pai da Rita tinha posto o Olavo para fora de casa. Pois é, a Rita estava vendo o tempo passar e não via o pessoal discutindo os problemas.

Dá licença, seu Zé Marmita, começou ela, tá tudo certo, tudo o que foi falado é muito certo, esse negócio do trabalho, de dar o couro e sei lá mais o que. O que eu sei, continuou a Rita, é que meu pai não quer que eu namore com o Olavo porque ele não tem emprego etc. O que eu sei também, é que o Olavo não é malandro, é boa gente e gosto dele. Acho que a gente precisa fazer alguma coisa, esse papo todo pode ser bom, mas não vai dar jeito no meu caso. E vou dizer mais, desabafou ela, não é só esse o nosso problema, por ser mais jovens, somos tratados como crianças, mesmo quando trabalhamos. Acho que a reunião tá fora do nosso assunto. A gente se reuniu para tratar dos nossos problemas e o que estou vendo, seu Zé

Marmita, é que a gente tá falando de outro assunto.

Espera aí, gritou Pedro Marreta, a gente está falando dos nossos problemas.

Criou-se a confusão, tá, não tá, e tudo mundo falando ao mesmo tempo.

Pois eu acho que estamos e não estamos falando dos nossos problemas, berrou o Chico Miúdo. É claro que tudo o que o Pedro Marreta, o seu Zé Marmita e outros falaram são problemas que a gente vive, continuou Chico Miúdo, mas acontece que a Rita também tem razão porque, no fundo, a gente se reuniu porque estamos sendo tratados pelo bairro e por nossas próprias famílias de vagabundos, ma landros, etc.

Tava uma confusão danada na reunião, uns ficaram do lado da Rita, outros do Pedro Marreta e já ninguém se entendia.

Ei pessoal, gritou Paulo Marmita, vamos dar um tempo aí, porque assim ninguém se entende.

Quando os ânimos estavam quase se acalmando um engracadinho gritou: pois é, tava tudo indo bem, bastou mulher abrir a boca prá dar toda essa confusão.

Foi aquela risada por parte de uns e raiva por parte de outros, principalmente das moças que tinham comparecido na reunião em peso. Nesse momento, Zé Marmita com a ajuda de outros conseguiu acalmar a reunião.

Olha pessoal, começou Zé Marmita, não precisa de tanta confusão, vamos ver uma coisa. Se não me engano, vocês marcaram essa reunião para enfrentar os problemas que estão sentindo, não é?

É, falou Rita, mas a reunião desviou para outras coisas.

Calma Rita, interrompeu Zé Marmita, acontece que nem sempre os problemas são fáceis de resolver. Sabe Rita, quando tá em casa nós discutimos e brigamos com o Paulo, a gente estava explodindo em cima dele coisas que não eram verdade. Acontece que aqui, juntos conversando, fomos vendo muita coisa. Sabe Rita, continuou Zé Marmita, se não vamos à raiz dos problemas, a gente não resolve eles. Eu acho que você tem razão quando diz que não estamos tratando dos problemas que fizeram vocês virem aqui, mas é que a raiz destes problemas está em tudo que a gente falou. Acho também, continuou ele, que temos agora que ver o que podemos fazer.

Eu acho que a gente tem que entender, continuou Zé Marmita, que quando os pais explodem com os filhos, os motivos são muitos. No fundo eles estão explodindo é com a vida dura que eles levam, sem tempo nem de descansar o corpo. Eu estou dizendo isso é porque quando a gente for pensar no que fazer, levar isso em conta. Não adianta por exemplo Rita, a gente dizer pro seu pai que ele deve aceitar seu namoro com o Olavo. A gente tem que conversar com ele o porque das coisas. Ele precisa entender, como eu entendi, que vocês que estão aqui não são vagabundos e nem são crianças. Vocês não são só jovens, são jovens trabalhadores que estão aí enfrentando a vida como nós e com uma porção de dificuldades.

Marcos entrou no papo e falou: eu acho que já estamos cansados, vamos dar um tempo e voltar a nos reunir para ver o que se pode fazer. Daqui para a próxima, a gente pensa no que fazer e quando fizer uma outra reunião, cada um traz uma idéia.

É, falou Pedro Marreta, eu acho uma boa, o que vocês acham ?

Todos concordaram e foram saindo. Uns continuaram conversando, outros foram namorar e outros resolveram comemorar a reunião na biroscas do seu Manoel. Zé Marmita resolveu dar uma passada na biroscas também.

(No próximo capítulo um novo personagem: JURACY PÉ DE CANA E A COMEMORAÇÃO)

A CENSURA QUIS SILENCIAR A IGREJA

Censura: S. f. 4. Exame de qualquer texto de caráter artístico ou informativo, feito por censor a fim de autorizar sua publicação, exibição ou divulgação. 5. P. Ext. Corporação encarregada do exame de obras submetidas à censura.

Sem ter provas históricas, podemos aceitar com certeza quase absoluta que a censura existe desde Adão e Eva. Parece ser uma atividade tipicamente humana. Não se tem indícios de que haja censura entre os animais ou as plantas. A censura, sendo humana, é supostamente racional. Infelizmente, 'racional' ainda não quer dizer 'inteligente'. Muitas vezes uma parte dos homens ou da humanidade foi e é ainda vítima da censura, elaborada pela outra parte. É sempre a

parte dominante que censura. Entre iguais não existe censura. A censura é imposta de cima para baixo.

Dentro da família, muitas vezes os próprios pais são os censores dos filhos. Os pais escondem seus erros e seus problemas. Certos assuntos são intocáveis. Em termos pedagógicos é sabido que isso pode levar a consequências desastrosas na educação dos filhos. Os filhos são considerados como crianças e por isso não devem saber de certas coisas. Por nunca saberem, eles ficam crianças... até serem confrontados violentamente com a realidade, que, pelo choque violento, pode traumatizá-los para a vida toda.

Assim como na família, existe censura na escola, na sociedade, na vida política, na Igreja, etc... Desde o início das artes gráficas, a Igreja tratou de censurar um montão de livros para os fiéis. Teorias científicas foram injustamente condenadas e a leitura da própria Bíblia ficou proibida aos leigos até meados deste século. Uma das consequências nefastas desta atitude: o padre (de preferência bispo ou papa) sabe tudo, o leigo não sabe nada.

Dentro da vida política, continua a censura na maioria dos países. Tanto países comunistas como capitalistas conhecem a censura. No Brasil vivemos dez anos de intensa atividade da Censura: a partir de 13 de dezembro de 1968 (criação do AI-5) até o dia 8 de junho deste ano (retirada da censura prévia de 3 semanários, entre os quais 'O São Paulo' da Arquidiocese de São Paulo). Dentro destes dez anos conhecemos um período mais forte, de 14/09/72 até 08/10/75, quando a censura era geral, sem discriminação. Fora desta época, certos meios de comunicação podiam veicular certas notícias, enquanto outros não.

O 'Jornal do Brasil' de 18/06/78 (Caderno Especial) publicou as 270 notas emitidas pela Censura entre setembro de 72 e outubro de 75. Neste período as proibições de publicação saíram à média de uma por cada 4 dias. A maioria das notas (33) era para impedir a publicação da existência da própria censura. Os outros assuntos mais censurados foram:

- a sucessão presidencial
- a prisão, tortura ou morte de subversivos e terroristas
- a recessão econômica
- a imagem do Brasil lá fora
- a Igreja (22 vezes ou 8,15 % do total das notas).

Por que a Igreja aparece tantas vezes ?

A censura quis silenciar a Igreja porque ela não aceitou alinhar-

se na defesa e difusão da ideologia do regime. Quando a Igreja discordou do Poder, a Censura quis que ela calasse a boca. É notório que a Igreja nunca foi proibida de anunciar uma procissão, um Congresso Eucarístico ou mais um aniversário do Papa. A Censura só intervinha quando a Igreja quis ser a voz dos pobres e dos marginalizados. Quando a Igreja defendia os Direitos Humanos. Quando a Igreja denunciava torturas. Quando a Igreja pedia mais participação do povo. Etc... às vezes a Censura atacava indivíduos (Dom Hélder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Pedro Casaldáliga, Pe. Jentel e outros), outras vezes a Igreja como tal (CNBB).

Um dos resultados da Censura: enquanto os censores acreditavam que podiam mudar a Igreja, silenciando-a, desenvolveram-se mais ainda as comunidades eclesiais de base e criaram-se os boletins e informativos paroquiais, diocesanos e regionais....

NOTÍCIAS

(1) O porta-voz da Presidência da República confirmou oficialmente, no dia 8 de junho de 1978, o fim da censura prévia aos jornais 'O Movimento', 'Tribuna da Imprensa' e 'O São Paulo' - orgão oficial da Cúria Metropolitana de São Paulo. A censura a este último era tão intensa e arbitrária que a Cúria chegou a processar o Presidente da República e o Ministério da Justiça, sendo o processo arquivado mais tarde, por justificativa de que o presidente estava fora de qualquer ato judicial. Para os juristas, isto caracteriza claramente a ditadura.

(2) Logo após saber que a censura ao jornal 'O São Paulo' havia sido suspensa, Dom Paulo Evaristo Arns comentou: "Nós recebemos a notícia exatamente na hora em que a Igreja lembra na sua Liturgia, às palavras do apóstolo Paulo a Timóteo: A PALAVRA DE DEUS NÃO PODE SER ALGEMADA".

(3) O mesmo jornal, segundo comunicado da Sociedade Interamericana de Imprensa, no dia 19 de junho de 1978, ganhou o prêmio SIP-Mergenthaler, "por sua esforçada resistência à censura prévia". O prêmio será entregue no dia 13 de outubro em Miami. A comissão considerou que ao publicar espaços em branco, de maneira passiva, conscientizava seus leitores da existência da injusta medida e deixava constar para a História essa atitude dos inimigos da liberdade de imprensa.

AGENDA PASTORAL - JULHO de 1978

	ATIVIDADE	HORÁRIO	LOCAL
01	Reunião Catequistas (Prata) Cursilhos: Escolas	09.00 16.00 - 18.00	Prata Catedral e Belford Roxo
02	Reunião Catequistas (Região 3)	14.30	
04	Reunião do Clero Informativo Conselho Presbiteral Missões e Vocações: reunião da equipe diocesana	09.00 - 13.00 14.00 14.30 - 16.30	Cenfor Cenfor Cenfor Cepac
05	Missões e Vocações: expediente	14.30 - 16.30	Cepac
06	Reunião Coordenação de Cate- quese (Região 4) Comissão Diocesana de Pastoral	15.00 14.30	Cabral Cepac
07	Grupo de Trabalho Puebla	09.00	Cenfor
08	Encontro de dirigentes de escolas de formação Instituto de Jovens	09.00 15.00	Cenfor Cepac
	Cursilhos: Escolas	16.00 - 18.00	Catedral e Belford Roxo
10	Reunião Catequistas (Bairro da Luz)	15.00	Jardim Canaã
11	Pastoral Popular (Dom Angélico)	09.00	Cenfor

	ATIVIDADE	HORÁRIO	LOCAL
12	Missões e Vocações: expediente	14.30 - 16.30	Cepac
13	Reunião Região 3	10.00	
	Comissão Diocesana de Pastoral	14.30	Cepac
	50º Cursilho de Homens	até dia 16	Nosso Lar
15	Reunião Catequistas (Região 2)	13.30	Itaguaí
	Cursilhos: Escolas	16.00 - 18.00	Catedral e Belford Roxo
16	Missões e Vocações: reunião para jovens interessados	08.00 - 12.00	Cenfor
	Reunião Catequistas (Mesquita)	15.00	Mesquita
17	Curso Catequistas (Eden)	até dia 21	Eden
19	Missões e Vocações: expediente	14.30 - 16.30	Cepac
20	Comissão Diocesana de Pastoral	14.30	Cepac
22	Missões e Vocações: aprofundamento vocacional	08.30 - 12.00	Casa de Oração
	Instituto de Jovens	15.00	Cepac
	Cursilhos: Escolas	16.00 - 18.00	Catedral e Belford Roxo
26	Missões e Vocações: expediente	14.30 - 16.30	Cepac
27	Comissão Diocesana de Pastoral	14.30	Cepac
	39º Cursilho de Mulheres	até dia 30	Nosso Lar
29	Cursilhos: Escolas	16.00 - 18.00	Catedral e Belford Roxo

-20-

- LI - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LI -

DURANTE

OS

MESSES

DE JULHO E

AGOSTO

FEIRINHA DO LIVRO

- * GRÁTIS UM CHAVEIRO
NAS COMPRAS ACIMA DE CR\$ 100
- * VÁRIOS LIVROS COM DESCONTO DE 10 %
- * MUITOS LIVROS COM DESCONTO DE 20 %
- * OUTROS LIVROS COM DESCONTO DE 30 %
- * LIVROS COM DESCONTOS ACIMA DE 40 %

DURANTE O MÊS DE SETEMBRO: GRANDE PROMOÇÃO DA BÍBLIA

Livraria interna da diocese: CEPAC

Rua Capitão Chaves, 60
26.000 Nova Iguaçu, RJ.